



## Metamorfoses do conceito de literatura na arqueologia de Foucault

*Metamorphoses of literature concept in  
Foucault's archeology*

CAIO SOUTO<sup>a</sup>

### Resumo

A elaboração de um conceito de literatura, por Foucault, esteve atrelada às demais problematizações caras à arqueologia como as da linguagem, da vida e do estatuto filosófico do homem. Após *História da loucura*, Foucault publica diversos textos em que analisa o domínio literário. Nessas análises, observa-se o exercício de modificação de um conceito de literatura, o qual obteve uma primeira formulação em meados da década de 1950 nos escritos fenomenológicos de Foucault (particularmente em sua introdução à obra *Sonho e existência* de Binswanger) e passou a ganhar uma importância cada vez maior na arqueologia foucaultiana.

**Palavras-chave:** Literatura. Arqueologia do saber. Foucault.

### Abstract

*To elaborate a concept of literature was, by Foucault, a process implied to other problematizations that are relevant to archeology, such as language, life and the philosophical status of man. After History of madness, Foucault publishes several texts in which he analyzes the literary domain. In these analyzes, we observe the exercise of modifying a concept of literature, which have obtained a first formulation in the mid-*

<sup>a</sup> Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Macapá, AP, Brasil. Doutor em Filosofia, e-mail: caiosouto@gmail.com

*1950s in the phenomenological writings of Foucault (particularly in his introduction to Binswanger's Dream and existence) and began to gain a major importance in Foucaultian archeology.*

**Keywords:** Literature. Archaeology of knowledge. Foucault.

Nos anos que se seguiram à publicação de *História da loucura* (FOUCAULT, 1961a), o projeto foucaultiano de realização de uma arqueologia do saber ocidental sofreu transformações concernentes tanto ao seu método quanto aos seus objetos de pesquisa. O tema da literatura, já explorado desde a Introdução a *Sonho e existência* de Binswanger (FOUCAULT, 1954a), voltaria a ser frequentado reiteradas vezes, constituindo um dos eixos mais significativos de tais modificações. Seguindo uma trajetória que atravessará diversos autores e temas literários<sup>1</sup>, a formulação do conceito de literatura por Foucault articulou-se aos principais problemas que moveram a arqueologia: os do sonho, do devaneio e da vigília; os da loucura, da vida e da morte; os da linguagem, da ciência e do saber; e o do estatuto filosófico do homem na modernidade.

Na “Introdução a Binswanger”, Foucault atribuía ao sonho um sentido e uma linguagem com sintaxe e morfologia próprias, identificando a experiência do sonho com uma outra, a da poesia, ambas expressões de uma mesma liberdade humana. Enquanto realidade subsistente, embora lançada no mundo, a experiência do sonho era concebida como caminho para a compreensão da existência humana em sua condição de ser/estar-aí (*Dasein*), projetando-se na direção da efetivação

---

<sup>1</sup> Entre os textos que se encontram publicados, são analisados os escritos autobiográficos de Rousseau (FOUCAULT, 1962a), o romantismo (FOUCAULT, 1954a), a leitura de J. Laplanche sobre Hölderlin (FOUCAULT, 1962b), Raymond Roussel (FOUCAULT, 1962c, 1963a, 1964g, 1983), Crébillon e Révéroni (FOUCAULT, 1962d), Rolf Italiaander (1963b), Georges Bataille (FOUCAULT, 1963c, 1970b), Roger Laporte (FOUCAULT, 1963e), os autores da revista *Tel Quel* (FOUCAULT, 1963f, 1964c, 1964d), o *nouveau roman* (FOUCAULT, 1963g), Flaubert (FOUCAULT, 1964a), Pierre Klossowski (FOUCAULT, 1964b) e sua tradução da Eneida (FOUCAULT, 1964h), a leitura de J.-P. Richard sobre Mallarmé (FOUCAULT, 1964i), Gérard de Nerval (FOUCAULT, 1964j), Jean Thibaudeau (FOUCAULT, 1966b), Jules Verne (FOUCAULT, 1966c), Maurice Blanchot (FOUCAULT, 1966d), André Breton (FOUCAULT, 1966f), Brisset (FOUCAULT, 1970a), além dos textos em que o domínio literário é abordado em seu conjunto (FOUCAULT, 1963d, 1964e, 1964k, 1966a). Mais recentemente, publicaram-se algumas conferências até então inéditas do período entre 1963 e 1970 (FOUCAULT, 2013, 2016).

dessa liberdade através do exercício fundamentalmente livre da imaginação. Embora já recusasse reduzir o sonho, como teria feito Freud, a uma realidade extrínseca ou latente (o inconsciente) da qual ele seria fragmento ou índice, Foucault o reportava, segundo a inflexão fenomenológica daquele ensaio, a uma experiência originária do mundo-da-vida (*Lebenswelt*) próprio ao sonho:

O sujeito do sonho, ou a primeira pessoa onírica, é o próprio sonho, é o sonho inteiro. No sonho, tudo diz “eu”, mesmo os objetos ou as bestas, mesmo o espaço vazio, mesmo as coisas longínquas e estranhas que lhe povoam a fantasmagoria (FOUCAULT, 1954a, p. 128).

Em *História da loucura*, importantes deslocamentos acontecem. Da experiência do sonho compreendida como “indício antropológico de transcendência” (FOUCAULT, 1954a, p. 116) a uma experiência da desrazão — esta compreendida como o Outro contra o qual a própria razão ocidental, para garantir sua existência e seu valor, teve de lograr esforços para calar — assiste-se ao primeiro exercício do que Foucault chamará a arqueologia do saber. O domínio noturno do onírico, cuja apreensão pela *Daseinanalyse* parecia permitir uma crítica eficaz ao cientificismo que Foucault denunciava nas demais psicologias<sup>2</sup>, será substituído pelo domínio, ainda mais perturbador e silencioso, da loucura, a figura histórica mais expressiva de uma experiência da desrazão<sup>3</sup>. Tal transformação se fez sentir também com relação ao que Foucault concebia como literatura. Antes assimilada a uma experiência fundamental e constitutiva de sentido, a literatura seria agora compreendida como uma experiência por meio da qual se poderia pressentir a dimensão de uma origem esquecida da própria razão, e da qual esta teve de se separar para se tornar o que é, dominando e controlando o perigo da existência de algo que se lhe contrapusesse.

---

<sup>2</sup> Sobre esse assunto, ver os dois artigos publicados por Foucault em 1957 em que faz uma crítica ao método científico emprestado pela psicologia às ciências naturais: “A psicologia de 1850 a 1950” (FOUCAULT, 1957a) e “A pesquisa científica e a psicologia” (FOUCAULT, 1957b). O segundo deles volta a evocar a *Daseinanalyse* de Binswanger como alternativa eficaz ao cientificismo em psicologia. Também merece ser notada aqui a influência da conferência de Georges Canguilhem “O que é a psicologia?” proferida em 1956 no *Collège philosophique* em Paris, publicada dois anos depois (CANGUILHEM, 1958), e do debate que dela se seguiu, cujo recenseamento pode ser obtido com a leitura do artigo “La critique canguilhemienne de la psychologie” (BRAUNSTEIN, 1999).

<sup>3</sup> Tal deslocamento teórico também se evidencia pela reescrita por Foucault da monografia sobre a doença mental (FOUCAULT, 1954b, 1963i), excluindo-se a palavra *personalidade* de seu título e modificando-se seu aporte existencial na direção da crítica arqueológica.

Quanto à literatura, *História da loucura* não buscará mais nela um indício de expressão autêntica da existência, mas sim os indícios de uma experiência que, embora fosse ainda concebida como originária, estaria na origem, antes, de uma dispersão, de uma fratura e de um distanciamento. Será a esse título que Foucault encontrará na literatura (e nas artes em geral) o efeito de uma experiência que não pode ser a da plena luz da razão, mas que mantém com esta um parentesco fundamental, e que, por fim, guardará como que o seu inconfessável segredo. Mas logo nos anos seguintes, o tema da “experiência originária”, ainda presente na *História da loucura*<sup>4</sup>, irá desaparecer e dar lugar a uma outra concepção de experiência, momento este em que Foucault mais escreverá sobre literatura. Disso decorrerão outras mudanças que afetam o projeto arqueológico como um todo.

Percorrendo as três obras autobiográficas de Rousseau, Foucault (1962a) encontrou em cada uma delas uma experiência diversa. Enquanto as *Confissões* ainda seriam um texto antes falado do que propriamente escrito, os *Diálogos: Rousseau, juiz de Jean-Jacques* reduziriam, ao contrário, a fala à escrita. O motivo dessa inversão poderia ser buscado no silêncio que a fala das *Confissões* teria encontrado: ninguém se dignou a escutá-las ou a discuti-las, relegando Rousseau ao completo silêncio e à solidão. E foi de dentro desse vazio, e mesmo devido a ele, que Rousseau se teria impellido, para além de uma fala confessada em primeira pessoa, ao esforço “para fazer nascer uma linguagem no interior de um espaço no qual tudo se cala” (FOUCAULT, 1962a, p. 208). Ao analisar a experiência literária em Rousseau, Foucault a compreende como um exercício de desconstituição de si que acaba por dissolver o sujeito-autor por completo.

[...] dolorosa dispersão daquele que é ao mesmo tempo seu “sujeito” e seu “objeto”, o espaço arrancado de sua linguagem, o ansioso depósito de sua letra, sua solução, enfim, em uma palavra que rediz natural e originalmente “eu”, e que restitui depois de tantas obsessões a possibilidade de sonhar, depois de tantas preocupações forçadas a abertura livre e ociosa do passeio (FOUCAULT, 1962a, p. 207).

---

<sup>4</sup> Julgamos suficiente, a esse respeito, mencionar a posterior recusa ao prefácio inicial de *História da loucura* (FOUCAULT, 1961b), que ainda insistia sobre uma experiência originária da loucura, assimilável, por extensão, e em sentido correlato ao da “Introdução a Binswanger”, à experiência estética (literatura, poesia, teatro, pintura). Foucault logo encontrará outra solução para o problema da experiência originária, cujo propósito deste artigo, um deles ao menos, é tentar elucidar.

E desse calar tantas outras vozes podem nascer, as vozes imateriais e impessoais que fluirão nos *Devaneios*, obra com a escrita da qual também se encerrava a própria vida de Rousseau, em que se ouvem os resquícios da voz de alguém que se dilui num murmúrio impessoal: um “sussurro absoluto e originário” das águas, dos ventos, das bestas e de uma natureza onde a fala humana encontra “sua imediata verdade e sua confiança” (FOUCAULT, 1962a, p. 203). Rousseau é um dos vários exemplos que Foucault nos dará de um procedimento que faz a linguagem fechar-se sobre si mesma e liberar-se do autor, experiência de *nascimento da literatura* (FOUCAULT, 1963a, p. 219; 1964k, p. 151; 1966a, p. 313)<sup>5</sup>.

Além disso, um deslocamento importante ocorre quando se passa do sonho para o devaneio, este que é concebido no limite da vigília. Quando, na fase pré-arqueológica, representada pela “Introdução a Binswanger” de 1954, Foucault ainda definia a experiência onírica como exercício da liberdade criativa da imaginação, era o romantismo de Novalis<sup>6</sup> que parecia oferecer uma concepção de poesia mais próxima à que ele mesmo buscava. Doravante, a partir do início da década de 1960, Foucault recusará aos românticos justamente o fato de terem tentado iluminar o sonho pela luz da vigília (FOUCAULT, 1966f, p. 583), em desacordo com o próprio sonho que, em sua essência, não pode ser revelado. Tanto o sonho quanto a loucura

---

<sup>5</sup> Costuma-se vincular o nome de Rousseau ao romantismo que viria sucedê-lo. No entanto, a leitura que Foucault pratica de seus escritos literários já o lança para além do romantismo, pois o que estaria em jogo nos *Devaneios* não seria a liberação de uma imaginação que busca sua expressão numa obra de linguagem (interpretação que seria coerente com a “Introdução a Binswanger”), mas justamente a dissolução do sujeito que é expelido para fora do jogo da linguagem. Num sentido diverso, mas que guarda relações com este apontado por Foucault, Deleuze (1962) reconheceu Rousseau como um precursor de autores do século XX como Céline, Kafka e Ponge.

<sup>6</sup> Na “Introdução a Binswanger”, Foucault emprestava a Novalis o seguinte pensamento: “O mundo se torna sonho, o sonho se torna mundo, e o acontecimento no qual cremos, podemos vê-lo vir de longe” (*apud* FOUCAULT, 1954a, p. 113). Isso porque, no sonho, estaria implícito o destino do homem, quando a alma, liberta do corpo, mergulhasse no cosmos, deixando-se imergir nele, e misturando-se a seus movimentos numa completa união (FOUCAULT, 1954a, p. 107). E Novalis é novamente citado quando diz: “O sonho nos ensina de uma maneira notável a sutileza de nossa alma em se insinuar entre os objetos e a se transformar ao mesmo tempo em cada um deles” (*apud* FOUCAULT, 1954a, p. 114). Trata-se do movimento do espírito que “de si mesmo vai ao encontro do mundo e encontra sua unidade com ele” (FOUCAULT, 1954a, p. 115).

vão ser agora concebidos como experiências que se dão no limite do pensamento, jamais podendo ser trazidos à plena luz pela linguagem.

Mas *entre* tais experiências noturnas e desarrazoadas, de um lado, e o pensamento vigilante da razão diurna, de outro, Foucault encontrará essa outra experiência, a do devaneio, tanto mais estranha quanto difícil de definir. E é o devaneio que aparecerá como tema principal em obras como a de Rolf Italiaander (FOUCAULT, 1963b) e sobretudo em *La veille* de Roger Laporte (FOUCAULT, 1963e). Ao comentar este pequeno romance, Foucault descreve o momento em que um olhar à espreita aguarda pacientemente o dia luminoso que vai se suceder à noite, condição para o surgimento de uma experiência intermediária entre as do sonho noturno e da razão diurna: “um dos [discursos] mais difíceis, mas o mais transparente, [...] uma obra que não possui outro solo senão o dessa abertura, esse vazio que ela cava a partir de si mesma” (FOUCAULT, 1963e, p. 291-292). Essa paciência meticulosa do saber também aparece como constitutiva de outras obras literárias, como a *Tentação de Santo Antão* de Flaubert, outro caso em que se observa como são “a vigília [*la veille*], a atenção infatigável, o zelo erudito” (FOUCAULT, 1964a, p. 325) que fazem nascer o discurso literário<sup>7</sup>.

Uma experiência assim talvez estivesse próxima daquela que os surrealistas concebiam como “o indestrutível núcleo da noite colocado no coração do dia”, como disse Foucault em entrevista concebida por ocasião da morte de Breton (FOUCAULT, 1966d, p. 583), ou daquela que Bachelard (1957) descreveria como uma imaginação do espaço. Com a diferença de que em Bachelard a imaginação correspondia a um fundo anterior à razão, e no surrealismo a experiência do sonho — e também as da loucura e da morte, e outras como as da repetição, da memória, do duplo, do tempo descontínuo, do retorno (cf. FOUCAULT, 1964c, p. 366) —

---

<sup>7</sup> “Com *A tentação*, Flaubert escreveu, sem dúvida, a primeira obra literária que tem lugar próprio unicamente no espaço dos livros: após, *O livro*, Mallarmé se tornará possível, depois Joyce, Roussel, Kafka, Pound, Borges. A biblioteca está em chamas” (FOUCAULT, 1964a, p. 326). E Foucault compara o nascimento do objeto-livro, ocorrido com Flaubert, em sua relação com a literatura e com as bibliotecas, com o nascimento do objeto-quadro, ocorrido com Manet, em sua relação com a pintura e com os museus: “Sua arte se erige onde se forma o arquivo [...] Cada quadro pertence desde então à grande superfície quadrilátera da pintura; cada obra literária pertence ao murmúrio infinito do escrito” (FOUCAULT, 1964a, p. 327).

teriam sido remetidas a um espaço ainda psicológico: “[tais experiências] eram, em todo caso, domínio da psique; fazendo essas experiências, eles [os surrealistas] descobriam esse atrás do mundo, esse mais além ou aquém do mundo que era para eles o fundamento de toda razão” (FOUCAULT, 1964c, p. 366). Doravante, a pergunta que Foucault passará a perseguir não será mais “a partir de que experiência primeira emerge o pensamento?”, mas sim como definir esse plano de simultaneidade, esse espaço único sem fundamento exterior ou anterior, onde se dá essa “experiência extraordinária do pensamento”? (FOUCAULT, 1964c, p. 367): experiência-limite entre a razão e o sonho, momento intermediário entre a noite e o dia, *hora do lobo* em que o amanhecer e a luz plena do dia e da razão se detêm sobre si mesmas e se detêm. Pensar as consequências de um instante como esse, situado para além ou para aquém da passagem do tempo, implica pensar as condições de possibilidade do próprio pensamento, e foi isso o que provocou as análises literárias de Foucault.

É que o espaço literário, se ele possui uma materialidade, é tão somente a “das próprias palavras, da tinta mal seca, o momento em que se esboça aquilo que por definição e em seu ser mais material só pode ser traço/rastro”<sup>8</sup> (FOUCAULT, 1963f, p. 309). Compreender a literatura a partir de sua materialidade intrínseca e da espessura espacial que ela cria em seu interior, eis o sentido do procedimento arqueológico extensível a todos os demais domínios do saber. Seja conforme ao modelo homérico do retorno do herói, seja conforme ao modelo judaico-cristão do

---

<sup>8</sup> A palavra *trace*, que aparece frequentemente nos textos de Foucault desta época, permite a tradução por traço ou rastro, esta última mais corrente nas traduções do termo na obra de Derrida. Não seria inútil uma análise que confrontasse tais considerações de Foucault sobre a escrita e a obra de Derrida no mesmo período (são de 1967 a *Gramatologia* e a coletânea *Escritura e diferença*, que abre com o famoso ensaio crítico sobre *História da loucura*). Ainda entre seus contemporâneos, talvez se possa assimilar essa passagem citada ao que Barthes (1953) denominou o “grau zero da escrita”, e que Blanchot iria encerrar na noção de uma neutralidade impessoal a qual comporia o núcleo da linguagem: “A escrita é o conjunto de ritos, o cerimonial evidente ou discreto pelo qual, independentemente do que se quer exprimir, e da maneira como o exprimimos, anuncia-se um acontecimento: que aquilo que é escrito pertence à literatura, que aquele que o lê está lendo literatura. [...] Escrever sem ‘escrita’, levar a literatura ao ponto de ausência em que ela desaparece, em que não precisamos mais temer seus segredos que são mentiras, esse é o ‘grau zero da escrita’, a neutralidade que todo escritor busca, deliberadamente ou sem o saber, e que conduz alguns ao silêncio” (BLANCHOT, 1959, pp. 301-303).

cumprimento da promessa messiânica, as narrativas literárias tradicionalmente obedeciam a uma estrutura temporal: “escrever, era retornar, era voltar à origem, recuperar [*ressaisir*] o primeiro momento; era estar de volta à manhã” (FOUCAULT, 1964e, p. 435)<sup>9</sup>. O correlato filosófico dessa estrutura narrativa, Foucault o encontrou no conceito platônico de reminiscência como busca pela memória de um tempo primeiro com relação à qual deveríamos valorar todo o sentido de nossa vida. Mas como, então, ocorreu que essa curva temporal que estruturava a literatura se fechou sobre si mesma a ponto de abolir o próprio tempo? Seu exemplo tardio agora é o *Ulisses* de James Joyce, obra que aprisiona o personagem da Odisseia (signo da própria literatura) numa narrativa que não é mais a do retorno à casa, mas a de um espaço comum, o de uma única cidade europeia em que cidadãos vivem suas experiências banais e cotidianas num dia qualquer (cf. FOUCAULT, 1964k, p. 151). A ação do herói não vai mais se ordenar no sentido de um retorno a um tempo primeiro, mas o *retorno é que passa a ser perpétuo* e que só repete o próprio exercício de uma repetição infinita. O par Homero/Platão, que Foucault unia de uma forma que só pareceria inusitada aos que não estão familiarizados com o procedimento arqueológico, opõe-se a este outro, formado por Joyce/Nietzsche, e é Zaratustra que aparecerá como o herói (ou anti-herói) da literatura moderna, pois no momento em que assume o domínio sobre si mesmo só pode anunciar o seu ocaso iminente.

Eis o jogo de um eterno recomeço como é, por exemplo, o de uma transgressão pura e sem fim que parecia motivar Sade<sup>10</sup> e Bataille<sup>11</sup>, ou o de uma simulação sem referência primeira como parece ocorrer em Klossowski<sup>12</sup>. Assim

---

<sup>9</sup> Essa coerência homológica encontrada por Foucault entre a narrativa homérica e a narrativa judaico-cristã contrasta antagonicamente com a desenvolvida por Auerbach em *Mímesis*.

<sup>10</sup> “Pode-se mesmo dizer que sua obra [a de Sade] é o ponto que recolhe e torna possível toda palavra de transgressão. [...] Acredito que Sade seja o próprio paradigma da literatura” (FOUCAULT, 1964k, p. 145).

<sup>11</sup> “A transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível” (FOUCAULT, 1963c, p. 265).

<sup>12</sup> “O sujeito falante se dispersa em vozes que se sopram, se sugerem, se apagam, se substituem umas às outras – dispersando o ato de escrever e o escritor na distância do simulacro em que ele se perde, respira e vive [...] nela [na obra de Klossowski] nos

também, o momento do nascimento da literatura é correlato à sua morte próxima, embora esta seja sempre postergada, como também acontece com *As mil e uma noites* (FOUCAULT, 1963d): a cada nova história contada, a morte sempre iminente da narradora é adiada. Por outro lado, e ao revés de sua fragilidade, esse discurso suspenso entre a vida e a morte, além de constituir para si um espaço irreduzível a todos os outros, possui a potência do infinito:

O limite da morte abre diante da linguagem, ou melhor, nela, um espaço infinito. [...] A linguagem, sobre a linha da morte, se reflete: ela encontra nela um espelho; e para deter essa morte que vai detê-la não há senão um poder: o de fazer nascer em si mesma sua própria imagem em um jogo de espelhos que não tem limites. [...] Talvez a configuração do espelho ao infinito contra a parede negra da morte seja fundamental para toda linguagem desde o momento em que ela não aceita mais passar sem vestígio (FOUCAULT, 1963d, p. 279).

Esses devaneios com que a vida e a obra de Rousseau se encerravam, esse velar suspenso entre a noite e o dia que Laporte e Italiaander tentavam apreender e que assombravam o personagem Santo Antônio de Flaubert, esse adiamento perpétuo da morte que se opera em *As mil e uma noites*, essa transgressão infinitamente recomeçada da lei pelo desejo que Sade e Bataille realizam, essa reduplicação do já dito sem referência última que constitui a obra de Joyce, esse simulacro suspenso sobre si mesmo que é próprio a Klossowski, tais ações testemunham uma experiência que é a do próprio pensamento. Pensar não é interiorizar, numa consciência, a exterioridade do mundo. Pensar é fazer abrir, nos interstícios do discurso — ou do pensamento — um vazio no qual aquilo que não se pode pensar apareça, ainda que só possa aparecer como algo impensável. O que mais interessava a Foucault na literatura como acontecimento arqueológico é que, ao evidenciar mudanças mais profundas no saber ocidental, aquelas que fizeram com que o próprio pensamento passasse a ser compreendido em termos espaciais, termina por apontar para aquilo que só pode estar fora do pensamento. Fazendo-o, a literatura se constituía como o próprio *pensamento do fora*, termo recuperado de Blanchot, autor de quem as análises literárias de Foucault nessa época tanto se aproximam (ver FOUCAULT, 1966d). Isto é, um pensamento que encontra o seu rigor e precisão

---

apercebemos de que o ser da literatura não concerne nem aos homens nem aos signos, mas ao espaço do duplo, ao vazio do simulacro” (FOUCAULT, 1964b, p. 365).

no fato de fazer de si mesmo o exercício de adiamento da transposição de um limite que é reconhecidamente intransponível, enunciando assim a radical *Não-relação* entre o que se fala e o que se vê (cf. BLANCHOT, 1969, p. 37-49). É que a literatura possui um caráter particular. Se por um lado sua materialidade é a do *traço* e a da *escrita*, por outro ela é aquilo que está fora desse resíduo precário de existência material. Foucault a definirá como correspondendo, ao mesmo tempo, a uma *utopia* (sem lugar)<sup>13</sup> e a uma *heterotopia* (lugar outro)<sup>14</sup>, dois tipos de espaço-limite que se refletem mutuamente como num jogo de espelhos<sup>15</sup>. Ora, o que se avoluma no interstício dessa imagem refletida e vazia é um “corpo incorpóreo”, espaço sem lugar mas que *poderia* estar em todos os lugares (FOUCAULT, 1966g, p. 13). Não há metáfora nisso, nem uma relação do tipo gestaltista entre figura e fundo. Tem-se insistido a respeito da proximidade desse pensamento com a ideia de um “retorno às coisas mesmas” ou ao impensado no sentido fenomenológico. Porém, o que Foucault busca conceituar não é o que haveria por baixo ou no fundo do pensamento, seja em termos de alienação, de inconsciente ou de irrefletido. É que esse incorpóreo exerce efeitos reais e imediatos sobre os corpos, assim como o campo discursivo só pode se efetivar sobre as coisas no espaço real.

No ano de 1963, Foucault publicou dois livros, os quais constituem uma espécie de díptico, embora tratem de temas aparentemente distantes. *O nascimento da clínica* percorria uma trajetória semelhante ao livro anterior, *História da loucura*, mas

---

<sup>13</sup> “As utopias são os posicionamentos sem lugar real. [...] espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais” (FOUCAULT, 1967c, p. 1574).

<sup>14</sup> As heterotopias são espaços passíveis de estar em relação com todos os demais “de tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas” (FOUCAULT, 1967c, p. 1574).

<sup>15</sup> “O espelho, afinal é uma utopia, pois é um lugar sem lugar [...] espécie de sombra que dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou; o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe” (FOUCAULT, 1967c, p. 1575).

agora no campo dos saberes médicos, visando mostrar que uma ruptura se teria dado na virada do século XVIII para o XIX, tanto no que diz respeito à percepção que se passaria a ter sobre os corpos doentes, como em relação ao saber constituído a partir de então sobre a doença e sobre a morte. Quando o médico Xavier Bichat determinou que se abrissem os cadáveres para analisá-los, o corpo morto teria passado a ser observado (qual um objeto que se presta ao saber) não mais como portador de algo externo que nele teria vindo se alojar (a doença), mas como o próprio objeto doente. E a morte teria sido assim finalmente inserida na positividade do saber, pois passaria a ser entendida não mais como exterior, mas como coextensiva à vida. Uma nova trama de discursos nasceu dessa guinada na ordem do saber, a qual possibilitou o discurso médico moderno. Uma relação se estabeleceu entre esse discurso nascente e as práticas médicas, o que possibilitou também uma nova intervenção sobre os corpos doentes; uma relação também se estabeleceu, enfim, entre o discurso médico e aquilo que ele torna visível, o corpo doente; e, em sentido inverso, mas correlato, entre o corpo que se dá a ver e o discurso que a partir de tal visão irá se formular: relação entre os enunciados e as visibilidades que ocuparão cada vez mais Foucault durante toda a trajetória da arqueologia do saber, até a formulação do conceito de enunciado na *Arqueologia do saber*.

Nesse mesmo ano de 1963, Foucault publica *Raymond Roussel*, obra inteiramente dedicada à análise de um autor literário, então pouco conhecido aliás. É nessa obra que vemos uma formulação precisa do conceito arqueológico de literatura em Foucault, quando ele dirá que o ser da literatura (e, em todo caso, o ser da linguagem que a literatura faria ver exemplarmente) só poderia ser compreendido numa *distância essencial* (fórmula blanchotiana) perante as coisas, distância que permite a composição de todo um jogo em que podem aparecer uma infinidade de figuras dentro desse mesmo e único espaço. E nesse espaço, o sujeito desapareceu, juntamente com a origem e o fundamento, que agora deverão ser compreendidos como intrínsecos ao próprio *espaço literário*. Abole-se, por consequência, a relação de identidade entre a verdade do texto e qualquer experiência fundante, seja ela a de um sujeito, de uma existência, de uma realidade onírica (sonho ou devaneio), e

mesmo a da desrazão como Outro absoluto da razão que se insinua em sua própria origem (como ainda ocorria em *história da loucura* na figura de uma experiência originária). Foi este livro — *Raymond Roussel* — que marcou, de fato, na obra de Michel Foucault, um acontecimento importante com relação à problemática da linguagem. Duas décadas depois da sua publicação, numa entrevista em 1983, Foucault justificaria a escolha por aquele autor dizendo que seu estilo se aproximava muito do de autores jovens que passara a conhecer e gostar, como o dos representantes do *nouveau roman* (como Robbe-Grillet, Nathalie Sarraute, Michel Butor) e os autores da revista *Tel Quel*<sup>16</sup>, e teria visto a possibilidade de associar Roussel a toda uma espécie de escritores os quais “foram tomados pelo problema do ‘jogo da linguagem’, para quem a construção literária e esse ‘jogo da linguagem’ estão diretamente ligados” (FOUCAULT, 1983, p. 1420). Deste modo, preocupado com os tais “jogos de linguagem”<sup>17</sup> que Roussel tornaria audíveis, ou visíveis, Foucault alerta para o elemento de retorno do “já dito” com que sua obra se constitui. Trata-se, com essa obra, de um labirinto<sup>18</sup> em que a criação literária é dada a partir de sequências linguísticas que se repetem, que se interrompem, que retornam à frente onde poderão ou não ser explicadas. E as referências de Roussel não são dadas apenas na literatura, mas também em textos publicitários, cotidianos, em todo caso frases já anteriormente ditas em outros contextos. E com essas frases aparentemente sem nexos, “com esses elementos, ele [Roussel] constrói as coisas mais absurdas” (FOUCAULT, 1983, p. 1422). O que o aproxima, diz Foucault, a uma criança, a qual “está presente em qualquer escritor” (FOUCAULT, 1983, p. 1422). Trata-se da irrupção do fantástico<sup>19</sup> a partir do elemento mais trivial da vida,

---

<sup>16</sup> A revista *Tel Quel*, fundada em 1960 por Philippe Sollers e Jean-Edern Hallier em Paris junto à editora Seuil, tendo seu nome inspirado no princípio nietzschiano de aceitação da vida “tal qual” ela é, provocou um grande impacto no debate literário nas décadas de 1960 e 1970 e nela se viram publicados muitos ensaios importantes de literatos, filósofos e artistas em geral do cenário cultural da época, como, além de seus fundadores e do próprio Michel Foucault, os autores do *nouveau roman*, Jean Pierre Faye, Julia Kristeva, Gérard Genette, Maurice Blanchot, Roland Barthes, entre outros.

<sup>17</sup> Muito já se discutiu também a respeito dos encontros possíveis entre essa noção e a de Wittgenstein, mas falta-nos competência para abordá-la aqui.

<sup>18</sup> O título em inglês do livro de Foucault é *Death and labyrinth*.

<sup>19</sup> Tema também encontrado por Foucault em sua análise da obra *A tentação de Santo Antônio* de Flaubert (FOUCAULT, 1964a) e dos romances de Jules Verne (FOUCAULT, 1966c).

do imaginário a partir do que há de mais real e concreto. Um procedimento que se repete e que nunca é excedido em sua essência, mas que alcança níveis os mais intensamente poéticos, segundo Foucault, mas que emergem à custa de um jogo que é próprio à linguagem. Roussel escreve “para ser diferente do que se é” (FOUCAULT, 1983, p. 1424), arriscando-se a entrar nesse jogo insensato da linguagem, o qual não conhece uma exterioridade que lhe seja anterior ou fundadora, que possui uma regularidade intrínseca, instaurada no acaso dos mais inusitados encontros, guiada por vezes pela sonoridade, pela repetição, pela duplicação, pelo encontro de imagens nem sempre reconciliáveis.

Com a publicação de *Raymond Roussel*, portanto, além das outras análises literárias que Foucault publicou à época, a especificidade do discurso literário se insurge em meio aos discursos filosófico e científico para alcançar o primeiro plano das análises arqueológicas de Foucault, e por um motivo que lhe parecerá cada vez mais evidente. Se em suas primeiras publicações, o projeto de Foucault ainda estava circunscrito a objetivos fenomenológicos de busca pela essência doadora de sentido — ainda que à maneira de uma essência correlata à vivência e à experiência e ainda que se tratasse da experiência dos sonhos ou da loucura —, percebia-se que o estatuto fundante e transcendental dessa existência imanente à significação era ameaçado por um vazio, separado daquela por uma linha muito tênue passível de extravasar e comprometer tal correlação entre existência e sentido. Porém, isso se dava ainda muito confusamente, pois seu projeto não havia ainda rompido definitivamente com a pretensão fenomenológica a uma experiência originária, mesmo ao revés da própria fenomenologia, como no caso de sua *História da loucura*. E é com os muitos ensaios que Foucault publica nessa época que o tema da *dissolução do sujeito* (de uma linguagem, de uma escrita e de um sentido) será melhor explicitado. Há um “procedimento” utilizado por Roussel na escrita de suas obras, ou ao menos numa parte considerável delas, cuja técnica de construção foi revelada pelo próprio autor no sugestivo livro intitulado *Comment j’ai écrit certains de mes livres* (*Como escrevi alguns de meus livros*), aquele em que Roussel propõe uma chave de leitura à sua obra. Note-se que este livro, o último deixado pelo autor, com a instrução de que fosse publicado após a sua morte, não é apenas uma nota explicativa, mas se

insere também na obra, abrindo-a a certas relações com aquele que a escreve, numa duplicação do autor que o torna incorporado à obra, mas que, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, subtrai a obra a si mesma e a remete para um exterior absoluto. Como diz Foucault, a explicação do procedimento de escrita pelo autor, revelado num livro escrito para ser publicado postumamente, inverte as relações até então conhecidas entre obra e autor: “A geometria profunda dessa ‘revelação’ inverte o triângulo do tempo. [...] Por uma rotação completa, o próximo se torna o mais distante” (FOUCAULT, 1962c, p. 250). Como se esse livro póstumo fizesse as vezes de um espelho colocado frente a todo o restante da obra e, nesse movimento fixador, elevasse a obra ao seu último momento, aquele da dissolução. Pois mesmo o autor Raymond Roussel, agora morto diante da obra póstuma que lhe revela o método de criação, já se incorporava àquele espaço de linguagem que é a sua obra, mas no seu extremo limite:

O espelho que no momento de morrer Roussel põe diante de sua obra e *na frente* dela, em um gesto mal definido de esclarecimento e precaução, é dotado de uma estranha magia: ele afasta a figura central para o fundo onde as linhas se embaralham, recua para o mais longe possível o lugar de onde se faz a revelação e o momento em que ela se faz, mas reaproxima, como pela mais extrema miopia, aquilo que está mais afastado do instante em que ele fala (FOUCAULT, 1962b, pp. 233-234).

Esse espelho afasta a figura central, aquela do autor, e o torna o mais distante e longínquo; ao mesmo tempo em que o reaproxima, pois ele é aquele que fala, portanto também o mais próximo. Como se esse espelho se afundasse infinitamente sobre si mesmo, com o poder de suspender toda a obra e paralisá-la contra os efeitos do tempo. E, no fundo, torna ainda mais enigmático aquele procedimento que ela parecia revelar: “Não apenas o segredo de sua linguagem, mas (o que é a duplicação do segredo) o segredo de sua relação com tal segredo” (FOUCAULT, 1962c, p. 234). Como se a morte física do autor Raymond Roussel constituísse um empecilho à compreensão da sua obra, agora que, em seu último capítulo, é mortificada com a definitiva revelação de todo o seu mecanismo, “um triângulo enigmático no qual a obra de Roussel nos é ao mesmo tempo entregue e recusada” (FOUCAULT, 1962c, p. 235). Tudo isso nos compele a um espaço vazio e central onde a obra se propaga, pois a revelação que nos traz essa revelação do segredo da

escrita, que, na sua necessária lacuna, abre a novas possibilidades de outros procedimentos mais secretos e de impossível apreensão, igualmente preenche e esvazia esse espaço de possibilidades, “pela possibilidade de que haja uma segunda [possibilidade] — esta ou aquela, ou nem uma nem outra, mas uma terceira, ou nada” (FOUCAULT, 1962c, p. 238). Os elementos exteriores à linguagem aqui nada podem fazer; a exterioridade é componente da interioridade da linguagem — o elemento que a expelle para fora de si mesma é aquele que se situa em seu cerne:

O encantamento não está ligado a um segredo depositado nas dobras da linguagem por uma mão exterior; ele nasce das formas próprias a essa linguagem quando ela se desdobra a partir dela mesma segundo o jogo de suas possíveis nervuras (FOUCAULT, 1962c, p. 239).

Outro paradoxo aparece, e passará a ocupar um lugar cada vez mais destacado nas análises gerais de Foucault: o da antinomia entre as palavras e as coisas. Nesse vazio inculpido nos interstícios da linguagem, o qual tornará possível toda a “literatura”, nesse sentido preciso que Foucault está a criar, “essa linguagem está mais do que qualquer outra próxima do ser das coisas” (FOUCAULT, 1962c, p. 240). Quando essas regras arbitrárias da linguagem (as de semelhanças de sons, da repetição lograda segundo o maior dos acasos, da lembrança que não respeita a uma lógica pré-existente) são levadas a cabo, criam um volume consistente em que emerge em toda a sua realidade um mundo de coisas, revelando o “poder ontológico” da linguagem (FOUCAULT, 1962c, p. 240):

Talvez, esse espaço dos mitos sem idade seja o de toda linguagem – da linguagem que avança ao infinito no labirinto das coisas, mas que sua essencial e maravilhosa pobreza reconduz a si mesma, dando-lhe seu poder de metamorfose: dizer outra coisa com as mesmas palavras, dar às mesmas palavras um outro sentido (FOUCAULT, 1963a, p. 124).

As torções internas à linguagem que povoam a obra de Roussel demonstram que uma pequena alteração numa frase (a inversão da ordem de duas palavras, a troca de uma letra ou encontros fonéticos bem calculados) pode modificar inteiramente seu sentido. O que indica algo fundamental a Foucault na experiência da linguagem, de cujo jogo apenas a literatura pôde se aproximar. Há uma pobreza própria à linguagem, a qual é finita perante a infinidade de coisas que há a designar através dela. Por outro lado, e por consequência dessa pobreza necessária, abre-se a

possibilidade de uma proliferação *ad infinitum* sempre para mais longe do que a linguagem pode dizer.

Se a linguagem fosse tão rica quanto o ser, ela seria o duplo inútil e mudo das coisas; ela não existiria. E, no entanto, sem nome para nomeá-las, as coisas permaneceriam dentro da noite. [...] Seria necessário, em todo caso, formas bem singulares de experiência (bem “desviantes”, quer dizer, desconcertantes) para tornar visível esse fato linguístico nu: que a linguagem só fala a partir de uma falta que lhe é essencial (FOUCAULT, 1963a, p. 165-166).

É esse espaço próprio criado por tais torções da linguagem que, segundo Foucault, Roussel pretendia recobrir com coisas ainda nunca ditas (FOUCAULT, 1963a, p. 24), ou dizê-las de uma maneira inédita, já que se trata, a escrita, sempre de um redizer no qual o gesto de origem se dá num movimento de repetição, estabelecendo-se, com isso, cada vez mais próximo de um exterior próprio (e, portanto, interno) à linguagem. Um redizer que, fazendo ecoar novamente o já dito, produz o efeito de um canto singular, pois a repetição remete a linguagem a uma outra dimensão, tanto mais longínqua: “[...] partilha absoluta da linguagem que a restitui idêntica a si mesma, *mas do outro lado da morte*: rimas das coisas e do tempo. Do eco fiel nasce a pura invenção do canto” (FOUCAULT, 1963a, p. 74, grifo nosso). A esses efeitos que a duplicação ao infinito da linguagem produz, calcada num obstinado redizer, Foucault reconheceu a especificidade própria ao discurso que entendia pelo nome de literatura, forjada na fissura aberta pelos ecos múltiplos da repetição da linguagem.

É aí que o jogo do olhar se estabelece, que se trama a enunciabilidade das palavras com a visibilidade das coisas. O livro explicativo do “procedimento” utilizado por Roussel (*Comment j’ai écrit certains de mes livres*) torna visível o que sempre esteve lá, indicando ao mesmo tempo outro segredo que apenas a manifestação do “procedimento” tornou oculto, porque o que há de póstumo nessa revelação só é dado no último instante, embora já estivesse presente desde o início, “por este laço com a morte futura que remete à revelação póstuma de um segredo já visível, já em plena luz. *Como se o olhar, para ver o que existe para ver, tivesse necessidade da duplicadora presença da morte*” (FOUCAULT, 1963a, p. 77, grifo nosso)<sup>20</sup>. E mais uma vez, nessa

<sup>20</sup> Cabe notar aqui, mais uma vez, as profundas relações entre *Raymond Roussel* e o outro livro publicado por Foucault no ano de 1963, *O nascimento da clínica*, em que a trama entre

encruzilhada propiciada pelo jogo dessa duplicação intermitente, um paradoxo emana: a visibilidade é justamente o que torna a coisa o mais invisível. O procedimento, uma vez revelado, faz visível a invisibilidade de um outro segredo, desta vez inassimilável. Por outro lado, enquanto não revelado, o “procedimento” permanecia tanto mais presente, prestado aos olhares na disposição necessariamente manifesta de uma repetição perpétua. Efeito que é dado “fora de todo espaço, já que é para si mesmo seu próprio lugar; sua casa é seu invólucro; sua visibilidade o esconde” (FOUCAULT, 1963a, p. 85). Prossegue o autor:

Há, em torno destas máquinas e nelas, uma noite teimosa que se sente, de fato, que ela as oculta. Mas, esta noite é uma espécie de sol sem irradiação nem espaço; sua luz está talhada exatamente nestas formas – constituindo seu próprio ser, e não sua abertura para um olhar (FOUCAULT, 1963a, p. 85).

Apenas quando libertada da morte, e por uma consequência exata dessa morte mesma, é que a linguagem se dá a ver, quando revolvida em seu espaço próprio e desconectada do mundo que lhe é exterior, “por uma estranha reversibilidade”, diz o autor (FOUCAULT, 1963a, p. 86). Porque, para além de tal espaço, simplesmente não há, nem pode haver, mais linguagem, circunscrita a um limite que lhe é intransponível. É preciso liberar a obra daquele que a escreveu, empenho último a que se lança Roussel, destinado a eivar sua obra de uma ausência essencial, a de que nela o autor não mais reside: “Decidido a desaparecer, Roussel fixa a concha vazia onde sua existência aparecerá aos outros” (FOUCAULT, 1963a, p. 196):

O “eu” que fala em *Comment j’ai écrit certains de mes livres*, na verdade, um afastamento desmesurado no coração das frases que pronuncia, coloca-o tão distante quanto um “ele”. Mais longe, talvez, numa região onde se confundem; lá, onde o desvelamento de si torna visível esse terceiro que sempre falou e permanece, ainda, o mesmo (FOUCAULT, 1963a, p. 195-196).

Com relação à fenomenologia, as análises literárias de Foucault são as que melhor demonstram em que sentido sua arqueologia dela se afastará (DELEUZE, 1986, p. 68-69). A relação entre loucura e literatura, já apontada em História da

---

um saber sobre a morte e o olhar clínico é destacada. R. Machado expõe com clareza essa observável concatenação entre as duas obras (MACHADO, 1999, p. 53-85).

loucura, se direciona para a impossibilidade de haver uma condição ou uma experiência originária à obra, uma vez que a obra exclui, na precocidade de seu gesto inaugural que insufla o espaço vazio e pleno em que subsistirá, também a loucura<sup>21</sup>. E Foucault insiste em não se tratar aqui de uma metáfora, pois a linguagem não pode ser experimentada senão na solidão que lhe é própria, não havendo “sistema comum à existência e à linguagem” (FOUCAULT, 1963a, p. 203). Foucault passará a falar da literatura como de um murmúrio, que se faria ouvir mas como à maneira de um sopro que se estabelece na fina linha de dispersão que mantém o sujeito sempre no limite exterior da linguagem. Murmúrio porque se trata de um discurso proferido na dispersão daqueles produzidos em outras esferas de nossa vida cotidiana, segundo o cerimonial que o revolve: o discurso jurídico, policial, científico, jornalístico, ou mesmo as palavras de ordem que se propagam até as mais ínfimas instâncias do nosso convívio social são falas consolidadas e, de certo modo, esperadas, porque já possuem o seu lugar bem definido. No limite de tais discursos se encontra a ausência plena e total de discurso, lugar de onde nada se pode falar. Pela linguagem, o sujeito não pode se expressar, mas, em sua relação com ela, encontra um lugar em que se transforma, e constituiu-se a si mesmo<sup>22</sup>. O autor, segundo o “procedimento” que Roussel criara, seria apenas um momento desse “procedimento”, momento final e quem sabe o de maior importância, mas nunca o seu fundamento (FOUCAULT, 1963a, p. 86).

Em todo caso, uma relação entre a linguagem e a vida, esta em que o autor se entrega e que muitas vezes é arriscada e perdida por ocasião de uma ida sem retorno rumo aos volteios de uma realidade de linguagem e à qual sucedem o desatino e mesmo o suicídio, esta relação é tão intensa porque alguém que se faz escritor “não faz simplesmente sua obra em seus livros, no que ele publica [...] sua obra principal é, finalmente, ele próprio escrevendo seus livros” (FOUCAULT, 1983, p. 1426). A relação da vida com os livros é o ponto central de sua atividade e de sua obra, pois a “obra” compreende também a vida: “A obra é mais do que a obra: o sujeito que escreve faz parte da obra” (FOUCAULT, 1983, p. 1426), não podendo, portanto,

---

<sup>21</sup> Nesse sentido, ver também o artigo “Loucura, ausência de obra” (FOUCAULT, 1964c).

<sup>22</sup> É o tema com o qual Foucault abre e encerra sua célebre aula inaugural no *Collège de France*, intitulada *A ordem do discurso* (FOUCAULT, 1970c).

haver uma consciência originária a qual se exprime e realiza essa expressão na obra, o que afasta qualquer pretensão à possibilidade de um “engajamento” de tipo existencialista<sup>23</sup>. Citando os autores do *nouveau roman* (Robbe-Grillet, principalmente), Barthes e Lévi-Strauss, Foucault afirma ter ocorrido com eles uma ruptura no pensamento francês na segunda metade do século XX, tanto na sua vertente acadêmica como na literária. E quanto ao seu próprio pensamento, o qual se insere coerentemente nesse contexto, admite que o contato com a obra de Roussel, que se deu no momento em que estava dividido entre a fenomenologia e a psicologia existencial, as quais ele tentava definir em termos históricos, auxiliou a efetivação de uma guinada importante. Após a sua leitura de Roussel, prossegue, e passou a tentar colocar o problema antropológico em outros termos, que não mais fenomenológicos, o que lhe possibilitou uma incursão mais radical naquilo que chamaria alguns anos depois de “a ordem do discurso”.

Em 1954, nos textos cuja inspiração heideggeriana era explícita, Foucault compreendia as experiências do sonho e da poesia — e poderíamos acrescentar também a da “doença mental” (cf. FOUCAULT, 1954b) — como possuindo uma parentalidade comum, por serem originadas no exercício livre da imaginação, que

---

<sup>23</sup> Conhecemos a censura dirigida por Sartre ao empreendimento arqueológico de Foucault, notadamente após a publicação de *As palavras e as coisas*, acusando-o de realizar uma “síntese eclética” entre o *nouveau roman* de Robbe-Grillet, o estruturalismo, a linguística, Lacan, a *Tel Quel*, dirigida contra o marxismo e a reflexão histórica (SARTRE, 1966). Ora, o que estamos vendo justamente aqui é que Foucault nunca deixou de se preocupar com o problema do sujeito, mas apenas deslocou o seu estatuto. Não se trata mais de dizer, como Sartre em *O que é a literatura?* (SARTRE, 1948), que a escrita seria o efeito do exercício da liberdade de uma consciência (a do autor) dirigida a outra consciência (a do leitor), mas sim de admitir que o sujeito que escreve está à deriva de uma experiência que vai transformá-lo no que ele não é, vai implicá-lo e vai fazer dele o principal objeto de tal experiência. Ora, evidencia-se aqui o ponto de contato mais evidente entre essa análise que Foucault elabora acerca de Raymond Roussel (que também pode ser feita com relação ao próprio Foucault, como ele mesmo nota no diálogo que estabelece consigo mesmo no último capítulo de *A arqueologia do saber*, por exemplo, ao dizer que escreve para modificar-se) e os estudos no campo das ciências médicas que resultaram no livro *O nascimento da clínica*. O jogo da linguagem estabelecido pelo discurso da medicina moderna implica-se efetivamente na vida (esta cujo conceito não existia no período anterior ao da modernidade, segundo mostra *As palavras e as coisas*) dos sujeitos que passarão a ser modificados em suas vidas por essa medicina que possui como correlato esse discurso específico.

sabemos estar, em Heidegger, ordenada ao tempo<sup>24</sup>. Se antes Foucault encontrava no sonho e na poesia a efetivação da existência que, conduzida pela imaginação, criava para si um mundo próprio de sentido, agora o que ele buscará compreender são as condições próprias a esse espaço em que tais experiências têm lugar. Isso implicará que esse espaço não esteja mais ordenado à temporalidade e à imaginação, mas a condições que lhe são próprias: condições históricas de possibilidade, as quais ele perceberá serem correlatas às condições de possibilidade de outros discursos que constituem o saber moderno ocidental. E são as mesmas condições aquelas que possibilitam tanto para a literatura quanto para as demais “empiricidades” correlatas ao pensamento moderno, estruturando-se segundo uma mesma e única ordem discursiva, cujas características Foucault passará a investigar durante toda a década de 1960.

Isso permitirá compreender a literatura como articulada “à mesma trama que todas as outras formas culturais, que todas as demais manifestações do pensamento de uma época” (FOUCAULT, 1966e, p. 571). E essa rede de relações que entranha todo o saber de uma época, que em *As palavras e as coisas* Foucault denominará de *epistémé*, será compreendida de um modo manifestamente espacial. Compreender o saber como ordenado ao espaço também exigirá uma outra concepção de história, e Foucault buscará na Escola dos anais (FOUCAULT, 1968, p. 695; 1969b, p. 801; 1969c, p. 815), no estruturalismo (FOUCAULT, 1961c, p. 196; 1967a; 1967b) e em Nietzsche (FOUCAULT, 1971) modelos do exercício dessa outra história que buscará ele mesmo opor à “história tradicional”. A história tradicional seria aquela que transformaria os monumentos (o que não é discursivo) em documentos (em discurso), fazendo falar “esses rastros [traces] que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem” (FOUCAULT,

---

<sup>24</sup> Em *Ser e Tempo*, Heidegger considerava que o *Dasein* só poderia dar-se a uma compreensão ontológica de sua própria condição e, por conseguinte, do sentido de ser, quando se reconhecesse que tal condição estaria originariamente fundada na temporalidade (HEIDEGGER, 1927, p. 352-359), da qual a consciência da finitude e do ser-para-a-morte seria um índice evidente (HEIDEGGER, 1927, p. 365). Também em sua leitura da *Crítica da razão pura* de Kant (*Kant e o problema da metafísica*), interpretava a imaginação transcendental, em sua relação com o entendimento e com a sensibilidade, enquanto “matriz comum” dessas duas outras faculdades (HEIDEGGER, 1929, p. 172), tendo como pressuposto fundamental a temporalidade, condição ontológica da metafísica.

1969a, p. 14-15). Foucault lhe oporá uma “história efetiva” (*wirkliche Historie*<sup>25</sup>) — que, ao contrário, “transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros [traces] deixados pelos homens [...], uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos” (FOUCAULT, 1969a, p. 15, grifos do autor). Assim, deveria haver para essa “história efetiva” uma submissão da própria história à arqueologia, tornando aquela história que transforma tudo em documento, que extrai das coisas uma discursividade que lhes faz falar, e que torna essa massa contínua de “acontecimentos [événements] humanos”<sup>26</sup> numa memória discursiva contínua, numa “descrição intrínseca do monumento” (FOUCAULT, 1969a, p. 15)<sup>27</sup>.

Trata-se o termo “literatura”, portanto, tal como empregado por Foucault, de um conceito que se engendrou e se metamorfoseou em meio a uma problemática a qual ainda não chegara, na época da publicação de Raymond Roussel, às suas últimas consequências. Quando Foucault emprega o termo literatura aqui, refere-se a esse jogo de linguagem muito específico que ele pôde formular a partir da escrita desse livro e que desfaz a relação estabelecida pela fenomenologia, em geral, entre o mundo e a linguagem (não se tratará mais de buscar na linguagem a expressão de um logos originário) e pelo existencialismo, em particular, entre autor e obra (uma vez que se encontrarão de uma vez por todas separadas a realidade de linguagem e a existência). Após 1966, com a

---

<sup>25</sup> Segundo a expressão de Nietzsche (cf. FOUCAULT, 1971, p. 1014).

<sup>26</sup> Segundo a definição de Paul Veyne: “Eventos reais que tem o homem como ator” (VEYNE, 1971, p. 13). Nesse livro, Veyne argumenta que a história trabalha sempre, e necessariamente, com eventos incompletos, com indícios, que nos são conhecidos através dos documentos que resistiram ao tempo; mas essa massa documentária nunca pode ensejar uma reconstituição do passado tal como foi. Por isso, a *escrita* histórica sempre acaba por se tornar a escrita da história romanceada ou fictícia.

<sup>27</sup> A primazia do espaço sobre o tempo permeará não só os estudos arqueológicos, mas também os estudos genealógicos de Foucault, donde resultam: uma compreensão da política como relação espacial ou geopolítica; da disciplina como distribuição dos corpos no espaço; da biopolítica como dispositivo de segurança de determinada população em determinado território; do saber como ordenação espacial de tecidos discursos, correlato à disposição espacial das relações de poder (o próprio complexo saber-poder é compreendido como uma rede espacial); da arquitetura e da geografia como manifestações políticas de composição do espaço (cf. FOUCAULT, 1976a; 1976b; 1977a; 1977b; 1978; 1982).

publicação do ensaio sobre Blanchot, Foucault parece ter abandonado a temática literária, retirando-a da centralidade de suas discussões vindouras. Na década que se seguiu, sabe-se que Foucault passou a se concentrar sobre outro núcleo de pesquisas, em que as relações de poder seriam privilegiadas em detrimento da problemática da linguagem e, conseqüentemente, também da literatura.

Em 1977, porém, num texto publicado sob o título de “A vida dos homens infames”, iria vincular o nascimento da literatura com acontecimentos políticos datados da passagem entre os séculos XVII e XVIII. No momento em que, na cultura ocidental, passou-se a registrar nos arquivos as mais cotidianas e inessenciais condutas e atividades dos indivíduos (com o discurso jornalístico, médico-legal, com os arquivos de internamento, as *lettre-de-cachet* etc.), viu-se surgir um específico efeito de discurso que passou a caracterizar nossa sociedade. Durante a Idade Média, o mecanismo da confissão cristã havia obrigado os indivíduos a pôr em discurso seus ínfimos acontecimentos cotidianos, mas a confissão se perdia a partir do momento em que o confidente se calava; não ficava registrada. A partir dos séculos XVII e XVIII, ao contrário, todo um conjunto de novos mecanismos de poder veio substituir os da Idade Média, momento em que aquelas particularidades insignificantes de cada um passaram a se depositar sobre os arquivos, dando origem a certo efeito de discurso. Foi aí que teve lugar, engajada no mesmo movimento histórico, a literatura, posicionada em meio a uma mesma e única estratégia política que atravessa os mecanismos discursivos.

O genealogista do poder, como passará a se denominar Foucault, estará mais preocupado agora com a relação estabelecida entre ínfimas existências ao longo da história e o poder, encontro que se poderia antever não apenas através da linguagem, ou do discurso. Tais existências estariam destinadas a passar sem rastro não fossem aquelas breves palavras encontradas ao acaso nos dossiês de internamento. E ao buscar desvelar quais teriam sido as complexas relações políticas que fizeram nascer tais discursos tão singulares, na medida em que conjugam certas características que chamam a atenção a nós, séculos depois, por sua força descritiva, brevidade, e por designar uma intervenção realmente havida sobre aquelas vidas das quais falam, é que Foucault voltou à literatura, que havia desaparecido de suas

análises posteriores a *As palavras e as coisas*, mas desta vez para situar seu nascimento em meio à fulguração de uma nova estratégia política. Mas por que a literatura, tão importante para o autor durante a primeira metade da década de 1960, por trazer em seu bojo uma potência de explosão e subversão, uma potência do fora, por compor-se espacialmente mas forjar no espaço uma zona que lhe seria inteiramente exterior, agora parece não mais interessar Foucault?

De fato, parece que Foucault tenha se dado conta da necessidade que suas novas pesquisas exigiam de afastar de seu horizonte teórico qualquer menção primária a formas linguísticas, ou à literatura, e mesmo a análises dedicadas a textos literários ou obras de linguagem. Roberto Machado, no capítulo “O ocaso da literatura” com o qual encerra o seu *Foucault, a filosofia e a literatura* (MACHADO, 1999), justifica essa mudança dizendo que tal deslocamento estaria inteiramente de acordo com o que Foucault dizia sobre o seu próprio ofício e sobre a atividade de escrever livros. Foucault dizia que escrevia não para fixar uma mensagem ou corroborar uma ideia, nem para validar tais ou quais discursos sobre esse ou outro assunto específico, mas para modificar a si mesmo. Mas o acréscimo que gostaríamos de unir às conclusões de Machado se refere a que esse afastamento por parte do autor face à questão da literatura não o fez, no entanto, derogar o que havia dito, outrora, sobre ela; ao contrário, reforçou ainda mais sua tese inspirada em Blanchot sobre a experiência do fora a qual estaria na gênese da literatura. O que “A vida dos homens infames”, texto já de 1977, nos diz de forma luminosa é que, dentre essa estratégia política de incitação à “discursificação” (*mise-en-discours*) do cotidiano, a literatura ocupa um lugar singular.

Obstinada em procurar o cotidiano em baixo de si mesmo, a ultrapassar os limites, a elevar brutal ou insidiosamente os segredos, a deslocar as regras e os códigos, a fazer dizer o inconfessável, ela tenderá então a colocar-se fora da lei ou ao menos a carregar sobre ela o fardo do escândalo, da transgressão ou da revolta. Mais do que qualquer outra forma de linguagem, ela permanece o discurso da “infâmia”: cabe a ela dizer o mais indizível – o pior, o mais secreto, o mais intolerável, o vergonhoso (FOUCAULT, 1977c, p. 252-253).

Uma “infâmia” a qual Foucault mesmo se reivindicava. E se, logo em seguida, afirma que não há, apesar disso, qualquer ruptura entre a potencialidade da literatura como experiência situada fora das leis e como linguagem da transgressão, já que isso

só ocorrera devido àquela específica trama que o poder passou a estabelecer (a qual obriga o cotidiano a se colocar em discurso) e esse “dispositivo de poder que atravessa no Ocidente a economia dos discursos e as estratégias do verdadeiro” (FOUCAULT, 1977c, p. 253), do qual ela é uma filha legítima, não há, quanto a isso, qualquer contradição com o que dissera na década anterior quando afirmava, com muito mais vigor e verdade, que a literatura constitui uma força de subversão. Trata-se, antes, da constatação de que, sozinha, sem buscar compor suas forças com os outros elementos do mundo, que lhe são exteriores porém correlatos, permanece inofensiva qualquer possibilidade de alterar as estratégias políticas. E o posicionamento pessoal dos escritores europeus aos quais Foucault se refere genericamente na entrevista *Loucura, literatura e sociedade* concedida em 1970 (FOUCAULT, 1970d, p. 995) passou severamente a incomodá-lo, notadamente após os acontecimentos de Maio de 68. Reclusos e reconfortados em sua atividade de escrita, garantidos de que contribuíam para uma transformação da sociedade pelo fato de que criavam “outros mundos”, de que sua literatura era, porque só podia ser, subversiva, uma vez situada nesse outro lugar, acabavam, antes, por fortificar a legitimação do discurso literário como possível nesse mundo, coroando-o sob a auréola da instituição literária, artigo de consumo, o que evidentemente deixaria Foucault escandalizado.

Em todo caso, trata-se ainda do espaço que se dispõe de tal forma a incitar um posicionamento específico e mais ou menos privilegiado, sobre o qual incidirá mais ou menos luz. O discurso institucionalizado da literatura, fomentado pelas premiações que concedem autoridade a um grupo seletivo de escritores e pela proliferação de textos produzidos sobre autores consagrados ou que se quer consagrar, nada mais pode ser senão um enfraquecimento daquela potência do fora que um dia nela residiu, e que foi se desvanecendo quando nossa sociedade passou a lhe destinar um espaço específico em sua estratégia política e discursiva. Doravante, presenciaremos um recrudescimento daquela sua função transgressiva, que tende a dar lugar a um posicionamento da literatura em meio à economia dos discursos, onde ela passa paulatinamente a exercer funções que nada têm de perturbadoras. E quanto à filosofia, Foucault não é menos incisivo, uma vez estando ela sujeita à

mesma estratégia social: “Entendo por isso que a filosofia perdeu essa força subversiva, tanto mais que, desde o século XVIII, ela se tornou uma profissão de professor de universidade” (FOUCAULT, 1970d, p. 994).

Com efeito, uma questão norteia as pesquisas de Foucault, a qual ele admite ter recebido de Kant na aurora de *nossa* Modernidade, a questão de como pensar o presente: “o que somos nós, hoje?” “o que é possível pensar, hoje?”. Diante disto, será possível precisar o que se pode ou não pensar atualmente? O presente estudo visou apenas abordar também a literatura como uma experiência do pensamento. É notável, quanto a isso, que Foucault tenha preferido, em seus estudos durante os anos 1960, os autores da *Tel Quel* e do *nouveau roman* aos surrealistas ou aos que fizeram experimentos com a linguagem a serviço de pesquisas sobre o inconsciente; a literatura como pensamento em si enquanto linguagem, e não mecanismo de revelação de algo que está para além de si. O que mais interessara Foucault talvez tenha sido a tentativa de desenvolver e praticar uma filosofia a qual também estivesse situada no mesmo nível de todas as outras experiências discursivas, porém que se posicionasse no limite do impensável.

Se a literatura foi importante a Foucault, contudo, é porque lhe mostrou que a existência só se compõe fragmentariamente, e que a linguagem não está adstrita à conduta individual do sujeito que escreve, o qual, aliás, não é senhor de sua linguagem. Nos anos imediatamente seguintes, Foucault se ocupará de uma “desontologização” do poder, nas pesquisas dos anos 1970, ao dizer que o poder se estabelece como estratégia, como relação de forças, não possuindo, portanto, uma essência. E nas últimas obras, ao recair especificamente sobre o tema das condutas individuais, Foucault iria *conceber* a subjetivação como prática de ascese, como relação que se estabelece de si para consigo por meio de exercícios diversos os quais convergem na criação dos sujeitos morais para além das regras de conduta estabelecidas por uma cultura dada, sujeitos os quais não são, portanto, dados de antemão ou originariamente. E se Foucault continuou a escrever até sua morte — escrevendo para modificar-se, como se nota na Introdução a *O uso dos prazeres*, de 1984 — talvez tenhamos aí um índice de que a literatura, ou antes a questão que ela põe, e o *fora* que ela pressupõe, tenha permanecido por toda a continuidade de seu

pensamento e obra, ainda que tenha se deslocado, por fim, ao exercício de constituição de si como experiência do fora.

## Referências

- BACHELARD, G. *La poétique de l'espace*. Paris: PUF, 1957.
- BARTHES, R. *Le degré zéro de l'écriture*. Paris: Seuil, 1953.
- BLANCHOT, M. *Le livre à venir*. Paris: Gallimard, 1959. [O livro por vir. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005].
- BLANCHOT, M. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.
- BRAUNSTEIN, J.-F. « La critique canguilhemienne de la psychologie ». *Bulletin de psychologie*, v. 2, n. 440, p. 181-190, mars-avril, 1999. (Tome 52).
- CANGUILHEM, G. « Qu'est-ce que la psychologie? » In: CANGUILHEM, G. *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. 7<sup>a</sup> edição. Paris: Vrin, 1994[1958]. p. 365-381.
- DELEUZE, G. « Jean-Jacques Rousseau précurseur de Kafka, de Céline et de Ponge ». In: DELEUZE, G. *L'île désert et autres textes*. Paris: Minuit, 2002. p. 73-78.
- DELEUZE, G. *Foucault*. Paris: Minuit, 1986.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980.
- FOUCAULT, M. « Introduction, in Binswanger, L., *Le Rêve et l'Existence*. » In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1954a]. p. 93-147.
- FOUCAULT, M. *Maladie mentale et personnalité*. Paris: PUF, 1954b.
- FOUCAULT, M. « La psychologie de 1850 à 1950 ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1957a]. p. 148-165.
- FOUCAULT, M. « La recherche scientifique en psychologie ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1957]. p. 165-186.
- FOUCAULT, M. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard, 1961a.
- FOUCAULT, M. « Préface in Foucault (M.) *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge classique* ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1961b]. p. 187-195.
- FOUCAULT, M. « La folie n'existe que dans une société ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1961]. p. 195-198.
- FOUCAULT, M. « Introduction in Rousseau, *Rousseau juge de Jean-Jacques. Dialogues* ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1962a]. p. 200-216.

FOUCAULT, M. « Le “non” du père ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1962b]. p. 217-231.

FOUCAULT, M. « Dire et voir chez Raymond Rousset ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1962c]. p. 233-243.

FOUCAULT, M. « Un si cruel savoir ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1962d]. p. 243-256.

FOUCAULT, M. *Raymond Rousset*. (2. ed.) Paris: Gallimard, 1992[1963a].

FOUCAULT, M. « Veilleur de la nuit des hommes ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1963b]. p. 257-261.

FOUCAULT, M. « Préface à la transgression ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1963c]. p. 261-278.

FOUCAULT, M. « Le langage à l’infini ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1963d]. p. 278-289.

FOUCAULT, M. « Guetter le jour qui vient ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1936e]. p. 289-296.

FOUCAULT, M. « Distance, aspect, origine ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1963f]. p. 300-313.

FOUCAULT, M. « Un “nouveau roman” de terreur ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1963g]. p. 313-316.

FOUCAULT, M. *La naissance de la clinique*. Paris: PUF, 1963h.

FOUCAULT, M. *Maladie mentale et psychologie*. Paris: PUF, 1963i.

FOUCAULT, M. « Postface in Flaubert, *La tentation de Saint Antoine* ». *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1964a]. p. 321-353.

FOUCAULT, M. « La prose d’Actéon ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1964b]. p. 354-365.

FOUCAULT, M. « Débat sur le roman ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1964c]. p. 366-418.

FOUCAULT, M. « Débat sur la poésie ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1964d]. p. 418-435.

FOUCAULT, M. « Le langage de l’espace ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1964e]. p. 435-440.

FOUCAULT, M. « La folie, l’absence d’œuvre ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1964f]. p. 440-448.

FOUCAULT, M. « Pourquoi réédite-t-on l'œuvre de Raymond Roussel? Un précurseur de notre littérature moderne ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1964g]. p. 449-452.

FOUCAULT, M. « Les mots qui saignent (Sur *L'Énéide* de P. Klossowski) ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1964h]. p. 452-455.

FOUCAULT, M. « Le *Mallarmé* de J.-P. Richard ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1964i]. p. 455-465.

FOUCAULT, M. « L'obligation d'écrire ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1964j]. p. 465-466.

FOUCAULT, M. "Linguagem e literatura". In: MACHADO, R. *Foucault, a literatura e a filosofia*. 2. edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001[1964k]. p. 137-174.

FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966a.

FOUCAULT, M. « À la recherche du présent perdu ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1966b]. p. 532-534.

FOUCAULT, M. « L'arrière-fable ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1966c]. p. 534-541.

FOUCAULT, M. « La pensée du dehors ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1966d]. p. 546-568.

FOUCAULT, M. « L'homme est-il mort ? (entretien avec C. Bonnefoy) ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1966e]. p. 568-572.

FOUCAULT, M. « C'était un nageur entre deux mots ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1966f]. p. 582-585.

FOUCAULT, M. « Les corps utopique ». In: FOUCAULT, M. *Les corps utopique, les hétérotopies*. Paris: Lignes, 2009[1966g].

FOUCAULT, M. « La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu'est "aujourd'hui" ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1967a]. p. 608-612.

FOUCAULT, M. « Sur les façons d'écrire l'histoire ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1967b]. p. 613-628.

FOUCAULT, M. « Des espaces autres ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: II. 1976-1988[1967c]. Paris: Gallimard, 2001. p. 1571-1581.

FOUCAULT, M. « Foucault répond à Sartre ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1968]. p. 690-697.

FOUCAULT, M. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969a.

FOUCAULT, M. « Michel Foucault explique son dernier livre ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1969b]. p. 799-807.

FOUCAULT, M. « La naissance d'un monde ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1969c]. p. 814-817.

FOUCAULT, M. « Sept propos sur le septième ange ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1970a]. p. 881-893.

FOUCAULT, M. « Présentation in Bataille (G.) *Œuvres complètes* ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1970b]. p. 893-895.

FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971[1970c].

FOUCAULT, M. « Folie, littérature, société ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1970d]. p. 972-996.

FOUCAULT, M. « Nietzsche, la généalogie et l'histoire ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001[1971]. p. 1004-1024.

FOUCAULT, M. « Questions à Foucault sur la géographie ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: II. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001[1976a]. p. 28-40.

FOUCAULT, M. « Des questions de Michel Foucault à Hérodote ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: II. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001[1976b]. p. 94-95.

FOUCAULT, M. « Entretien avec Michel Foucault ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: II. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001[1977a]. p. 140-160.

FOUCAULT, M. « Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur des corps ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: II. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001[1977b]. p. 228-236.

FOUCAULT, M. « La vie des hommes infâmes ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: II. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001[1977c]. p. 237-256.

FOUCAULT, M. « La scène de la philosophie ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: II. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001[1978]. p. 571-595.

FOUCAULT, M. « Entretien avec Michel Foucault ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: II. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001[1980]. p. 860-914.

FOUCAULT, M. « Espace, savoir et pouvoir ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: II. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001[1982]. p. 1089-1104.

FOUCAULT, M. « Archéologie d'une passion ». In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*: II. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001[1983]. p. 1418-1427.

FOUCAULT, M. *La grande étrangère*. Paris: Éditions de l'EHESS, 2013.

FOUCAULT, M. « La littérature et la folie: une conférence inédite de Michel Foucault ». *Critique*, n. 835, p. 965-981, dez. 2016.

HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge Eduardo Rivera. 2ª edição. Santiago: Editorial Universitária, 1998[1927].

HEIDEGGER, M. *Kant y el Problema de la Metafísica*. Trad. Gred Ibscher Roth. 3. edição. México: Fondo de Cultura Económica, 1996[1929].

MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001[1999].

SARTRE, J.-P. *Qu'est-ce que la littérature?* Paris: Gallimard, 1948.

SARTRE, J.-P. « Jean-Paul Sartre répond ». *L'arc*, v. 30, n. spécial J.-P. Sartre, 1966.

SOLLERS, P. « Logique de la fiction ». In: SOLLERS, P. *Logiques*. Paris: Seuil, 1968[1962]. p. 15-43.

VEYNE, P. *Comment on écrit l'histoire* suivi de *Foucault révolutionne l'histoire*. Paris: Seuil, 1971.

RECEBIDO: 19/08/2019  
APROVADO: 03/09/2019

RECEIVED: 08/19/2019  
APPROVED: 09/03/2019